

Domingo II do Tempo Comum - Ano C – 19 janeiro 2025



Viver a Palavra

Depois da celebração festiva do Natal do Senhor e das festas nele celebradas, o calendário litúrgico propõe alguns Domingos do Tempo Comum até ao início do Tempo da Quaresma. No Tempo Comum, ao contrário dos outros tempos litúrgicos, não celebramos nenhum mistério em específico da vida do Senhor ou a sua respetiva preparação, mas a totalidade do mistério de Cristo na normalidade e no quotidiano da vida. É a celebração da presença sempre viva e atuante de Deus na história que, em cada tempo e em cada lugar, realiza a Sua obra de amor e escreve em nós e, a partir de nós, no mundo, a Sua história de salvação. Percorremos com Jesus os caminhos da missão e aprendemos no caminho, com Ele e como Ele, a obediência à vontade do Pai, a fidelidade ao Seu desígnio salvífico e a abertura ao horizonte da graça onde se inscrevem as nossas vidas.

Escutamos o capítulo segundo do Evangelho de S. João, acompanhando o início da atividade de Jesus. Depois do evangelista ter apresentado a Palavra que se faz carne, o Baptista que se faz Sua voz e os primeiros discípulos que acolhem o seu testemunho, descreve a aventura de Jesus com aqueles que o acompanham e se cruzam com Ele. O início da Sua missão contrasta com o que seria expectável na tradição religiosa vigente: oferece vinho para a embriaguez de umas núpcias e expulsa os vendedores do Templo, derrubando as mesas dos cambistas. Esta cena inicial, tal como o batismo nos sinópticos, leva-nos a compreender que Deus é escandalosamente diferente daquilo que são as nossas estruturas humanas e os nossos esquemas lógicos, puramente racionais, que Deus excede sempre.

O primeiro sinal de Jesus no Evangelho de S. João consiste em juntar mais de 600 litros de vinho a um banquete nupcial! O que teria a dizer sobre isto João Baptista, o asceta do deserto? Porventura, ainda hoje, não fosse Jesus o autor de tal ato, e estariam alguns a condenar o excesso de vinho e a falta de abstinência e disciplina.

Abundância e excessos caracterizam a ação de Deus revelada em Jesus Cristo: abundância de amor pelo excesso de misericórdia derramada e manifestada. Quando fazemos como os noivos de Caná da Galileia e convidamos Jesus, Sua Mãe, os discípulos para a nossa vida, entra na nossa história a abundância de amor e de graça que nos permite percorrer com maior entusiasmo e ousadia os trilhos da história. É verdade que a alegria da qual o vinho novo oferecido por Jesus é sinal só será plena e duradoura depois da glória definitiva e da hora derradeira para a qual esta passagem evangélica já aponta.

Jesus adverte Sua mãe – «*ainda não chegou a minha hora*» – e aponta para a hora derradeira e definitiva do capítulo 19, onde confia o discípulo amado a Sua Mãe e Sua Mãe ao discípulo amado: «*e, desde aquela hora, o discípulo acolheu-a como sua*» (Jo 19,27). As dores e sofrimentos do tempo presente, bem como as contingências e limites da nossa condição humana pecadora não são impedimento para que Deus realize a Sua obra de amor e para que no tempo e na história se façam presentes as maravilhas de Deus.

Contamos com a presença terna e materna de Maria, a quem pedimos que em cada dia continue a levar a Jesus tudo quanto precisamos e, concomitantemente, pedimos a disponibilidade de coração para ouvir com prontidão performativa: «*fazei tudo o que Ele vos disser*». *in Voz Portuguesa*

+++++

No dia **18 de janeiro** tem início o Oitavário de Orações pela Unidade dos Cristãos. Em cada ano o Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos e a Comissão Fé e Constituição do Conselho Mundial de Igrejas propõe um conjunto de materiais para ajudar a viver esta semana de oração para que a unidade desejada por Cristo seja uma realizada e esteja presente no coração de todos os cristãos. O tema para este ano é retirado do Evangelho de João: «*Crês nisso?*» (João 11, 26). Na internet podem ser encontrados os diferentes materiais e subsídios, que poderão ser utilizados litúrgico-pastoralmente ajudar os fiéis a viver melhor esta semana e a fazer da unidade dos cristãos não apenas um desejo mas uma realidade (<https://www.oikoumene.org/sites/default/files/2024-05/2025-WPCU-PT.pdf>).

+++++

Depois do **Tempo de Natal** continuamos um novo Ano Litúrgico – Ano C - onde seremos acompanhados pelo evangelista Lucas. Tendo em vista a formação bíblica dos fiéis e a importância do conhecimento da Sagrada

Escritura como Palavra que ilumina a vida dos batizados, o contexto do início do Ano Litúrgico pode ser uma oportunidade para um encontro ou até vários encontros, sobre o Evangelista deste ano litúrgico.

Como se diz acima, durante **todo este ano litúrgico – 2024/2025** -, **acompanhamos o evangelista Lucas** em grande parte das proclamações do Evangelho. Deste modo, como preparação complementar, poderá ser oportuna uma proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de S. Lucas.

E faremos isso....

Em anexo à Liturgia da Palavra e, também, num separador próprio, da página da paróquia de Vilar de Andorinho, ficará disponível um texto sobre o evangelista Lucas. Poderão melhorar os conhecimentos bíblicos –Novo Testamento e Antigo Testamento – em <https://paroquiavilarandorinho.pt/fbiblica/>. Proporciona-se a todos os fiéis, um maior conhecimento deste precioso tesouro que é a Sagrada Escritura.

LEITURA I – Isaías 62,1-5

**Por amor de Sião não me calarei,
por amor de Jerusalém não terei repouso,
enquanto a sua justiça não despontar como a aurora
e a sua salvação não resplandecer como facho ardente.**

**Os povos hão de ver a tua justiça
e todos os reis a tua glória.**

**Receberás um nome novo,
que a boca do Senhor designará.
Serás coroa esplendorosa nas mãos do Senhor,
diadema real nas mãos do teu Deus.**

**Não mais te chamarão «Abandonada»,
nem à tua terra «Deserta»,
mas hão de chamar-te «Predileta»
e à tua terra «Desposada»,
porque serás a predileta do Senhor
e a tua terra terá um esposo.**

**Tal como o jovem desposa uma virgem,
o teu Construtor te desposará;
e como a esposa é a alegria do marido,
tu serás a alegria do teu Deus.**

CONTEXTO

Nos capítulos 56 a 66 do livro de Isaías (o “Trito-Isaías”) temos uma coleção de textos, provavelmente de autores diversos, redigidos em Jerusalém na época pós-exílica. O poema que a liturgia deste segundo domingo comum nos apresenta como primeira leitura pertence a essa coleção.

Para aqueles que retornaram do Exílio na Babilónia, são tempos difíceis e incertos. A população da cidade é pouco numerosa e pobre; a reconstrução é lenta, modesta e exige um grande esforço; os inimigos estão à espreita e fazem continuamente sentir a sua hostilidade; há tensões no ar entre os que regressaram da Babilónia e aqueles que ficaram na cidade. Aos poucos, com a reorganização da estrutura social, voltam as injustiças dos poderosos sobre os fracos e os pobres, bem como a corrupção, a venalidade e a prepotência dos chefes. O clima é de frustração e de desânimo. As promessas de Deus, escutadas na fase final do Exílio, parecem bem distantes.

Os profetas que desenvolvem a sua missão nesta fase procuram renovar a esperança do Povo de Judá num futuro de vida plena e de salvação definitiva. Nesse sentido, vão falar de uma época em que Deus vai voltar a residir em Jerusalém, oferecendo em cada dia ao seu Povo a vida e a salvação. Essa “salvação” implicará, não só a reconstrução de Jerusalém e a restauração das glórias passadas, mas também a libertação dos pobres, dos oprimidos, dos fracos, dos marginalizados.

O texto que hoje nos é proposto é parte de um poema (Is 62,1-9) que canta Jerusalém como a “esposa de Javé”, a cidade que Deus continua a amar, apesar das suas infidelidades. *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- A história da relação entre Deus e o seu Povo revela, a cada passo, o “ser” de Deus. Deus é amor, um amor nunca desmentido, nunca posto em causa, nunca condicionado, nunca sujeito à precariedade que imprimimos às nossas relações. Mesmo quando nos fechamos no egoísmo e na autossuficiência, Deus continua a oferecer-nos o seu amor; mesmo quando nos recusamos a escutá-lo e a acolher as suas propostas, Deus continua a cuidar de nós com amor de pai e de mãe; mesmo quando subvertemos o plano que Ele tem para nós e para o mundo, Deus continua a contar connosco e a convidar-nos para integrar a sua família... Deus não desiste de nós; para Deus, nunca seremos “um caso perdido”, porque o amor verdadeiro nunca dá por perdida a pessoa amada. Nós

que, tantas vezes, nos sentimos pecadores, malditos, indignos, perdidos, amargurados pelo peso do nosso pecado e das nossas opções erradas, somos hoje convidados a contemplar o amor inquebrantável que Deus tem por nós e a viver iluminados por esse amor. Sabemos que caminhamos pela vida envolvidos pelo amor de Deus? A consciência do amor de Deus liberta-nos e enche o nosso coração de alegria e de esperança?

- O Trito-Isaías afirma que o amor de Deus irá transformar a Jerusalém manchada e macilenta, destruída pelos inimigos, calcinada pelos incêndios que os exércitos babilônios atearam, abandonada pelos seus habitantes, numa “noiva” encantadora e resplandecente, capaz de encher de orgulho e de alegria o coração daquele que a ama. Se nós deixarmos, o amor de Deus é capaz de nos regenerar, de nos transformar, de nos abrir perspectivas novas, de nos convencer a levantar os olhos dos horizontes rasteiros em que a nossa existência decorre, para contemplarmos os horizontes vastos de uma vida livre, cheia de sentido e de realização. Conservamo-nos teimosamente fechados na nossa autossuficiência, ou estamos disponíveis para nos deixarmos transformar e recriar pelo amor de Deus?
- Quando fazemos uma verdadeira experiência do amor de Deus, nada fica igual na nossa vida. Somos dominados por um profundo sentimento de gratidão e ficamos com vontade de testemunhar esse amor junto de todos aqueles que se cruzam connosco nos caminhos que todos os dias percorremos. Tornamo-nos arautos do amor de Deus e esse amor “aparece” nos nossos gestos, nas nossas atitudes, na nossa forma de tratar os outros homens e mulheres. Somos sinais vivos de Deus, com o amor que transparece nos nossos gestos? As nossas famílias são um reflexo do amor de Deus? As nossas comunidades cristãs anunciam ao mundo, de forma concreta, o amor que Deus tem por todos os seus filhos, particularmente pelos mais frágeis, pelos mais abandonados, por aqueles que ninguém quer e ninguém ama? *in Dehonianos.*

SALMO RESPONSORIAL – Salmo 95 (96)

Refrão: Anunciai em todos os povos as maravilhas do Senhor.

**Cantai ao Senhor um cântico novo,
cantai ao Senhor, terra inteira,
cantai ao Senhor, bendizei o seu nome.**

**Anunciai dia a dia a sua salvação,
publicai entre as nações a sua glória,
em todos os povos as suas maravilhas.**

**Dai, ó Senhor, ó família dos povos,
dai ao Senhor glória e poder,
dai ao Senhor a glória do seu nome.**

**Adorai o senhor com ornamentos sagrados,
trema diante d’Ele a terra inteira;
dizei entre as nações: «O Senhor é Rei»,
governa os povos com equidade.**

LEITURA II – 1 Coríntios 12,4-11

Irmãos:

**Há diversidade de dons espirituais,
mas o Espírito é o mesmo.
Há diversidade de ministérios,
mas o Senhor é o mesmo.
Há diversidade de operações,
mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos.
Em cada um se manifestam os dons do Espírito
para o bem comum.**

**A um o Espírito dá a mensagem da sabedoria,
a outro a mensagem da ciência, segundo o mesmo Espírito.
É um só e o mesmo Espírito**

**que dá a um o dom da fé, a outro o poder de curar;
a um dá o poder de fazer milagres,
a outro o de falar em nome de Deus;
a um dá o
discernimento dos espíritos,
a outro o de falar diversas línguas,
a outro o dom de as interpretar.
Mas é um só e o mesmo Espírito que faz tudo isto,
distribuindo os dons a cada um conforme Lhe agrada.**

CONTEXTO

O trabalho missionário de Paulo de Tarso, em meados do séc. I, levou o cristianismo ao encontro do mundo grego. Paulo, depois de um certo discernimento, tinha concluído que a proposta de Jesus era para todos os povos da terra e não exclusivamente para os judeus. No entanto, o contexto judaico – de onde o cristianismo era originário – e o contexto grego eram realidades culturais e religiosas bastante diferentes. Como é que a proposta cristã se aguentaria quando mergulhasse num mundo que funcionava com dinamismos que lhe eram estranhos? Iria a brilhante cultura grega absorver ou desvirtuar os valores cristãos? Como é que os cristãos de origem grega integrariam a sua fé na realidade cultural em que estavam inseridos? A comunidade cristã de Corinto sentiu toda esta problemática de forma especial. Na Primeira Carta aos Corintos, Paulo aborda diversas questões que lhe foram colocadas pelos cristãos de Corinto e onde, como “pano de fundo”, está a questão do encaixe dos valores cristãos nos valores da cultura grega.

Uma das questões onde esta problemática, de alguma forma, está presente é a questão dos “carismas”. A palavra “carisma” tem a sua origem no campo religioso cristão, especialmente na teologia paulina. Designa dons especiais do Espírito, concedidos a determinado indivíduo – independentemente do posto que ocupa na instituição eclesial – para o bem das pessoas, para as necessidades do mundo e, em particular, para a edificação da Igreja. Nas cartas de Paulo fala-se insistentemente em “carismas” que animavam a vida e o dinamismo das comunidades cristãs.

Alguns cristãos de Corinto, no entanto, influenciados por determinadas experiências religiosas que existiam na religião grega tradicional, entenderam os “carismas” de uma forma bem peculiar. Eles conheciam, por exemplo, os “oráculos”, através dos quais os deuses, servindo-se de intermediários humanos, transmitiam as suas indicações (santuário de Delfos, sacerdotisas de Dodona); conheciam também certos rituais em que os crentes, através do transe, de experiência orgiásticas, de excessos de vários tipos, se “fundiam” com o deus a quem prestavam culto (mistérios de Dionísio, culto de Cibele). Confundiram, portanto, os “carismas” cristãos com algumas dessas práticas pagãs; e, possivelmente, chegaram a fazer uso dos dons carismáticos em ambiente semelhante ao de certas cerimónias religiosas pagãs.

Mais ainda: considerando-se a si próprios “escolhidos de Deus”, alguns destes carismáticos reivindicavam um protagonismo que danificava a comunhão fraterna. Apresentando-se como “iluminados”, mensageiros incontestados das coisas divinas, assumiam atitudes de autoritarismo e de prepotência que não favoreciam a fraternidade; desprezavam os que não tinham sido dotados destes dons, considerando-os como “cristãos de segunda”, limitados a um lugar subalterno no contexto comunitário.

Tudo isto causou natural alarme na comunidade cristã de Corinto. Paulo, informado da situação, entendeu intervir para evitar abusos e mal-entendidos. Na Primeira Carta aos Coríntios, ele corrige, dá conselhos, mostra a incoerência destes comportamentos, incompatíveis com o Evangelho de Jesus. A sua intervenção neste campo aparece nos capítulos 12 a 14 da referida Carta. A nossa segunda leitura deste domingo insere-se neste contexto.
in Dehonianos.

INTERPELAÇÕES

- Todos aqueles que integram a comunidade cristã são membros de um único “corpo”, o “corpo de Cristo”; todos aqueles que são membros do “corpo de Cristo” vivem e alimentam-se do mesmo Espírito; todos aqueles que se alimentam do mesmo Espírito formam uma família de irmãos e de irmãs, iguais em dignidade. Podem, naturalmente, desempenhar funções diversas, como acontece com os membros de um corpo; mas todos eles são igualmente importantes enquanto membros do “corpo de Cristo”. Tudo isto parece incontestável, à luz da doutrina de Paulo. No entanto encontramos, com alguma frequência, cristãos com uma consciência viva da sua superioridade e da sua situação “à parte” na comunidade (seja em razão da função que desempenham, seja em razão das suas “qualidades” humanas), que gostam de se fazer notar e de afirmar a sua autoridade ou o seu “estatuto”. Às vezes, veem-se atitudes de prepotência e de autoritarismo por parte daqueles que se consideram depositários de dons especiais; por vezes, ficamos com a sensação de que a estrutura eclesial funciona em modelo piramidal, com uma elite que preside e toma as decisões

instalada no topo, e um “rebanho” silencioso que obedece instalado na base. Isto faz algum sentido, à luz da doutrina que Paulo expõe? Como entendemos o nosso lugar e o nosso papel na comunidade cristã?

- Os dons que o Espírito concede, por mais pessoais que sejam, são para servir o bem comum e para reforçar a vivência comunitária. Quem os recebe deve pô-los ao serviço de todos, com humildade e simplicidade. Não faz sentido escondermos os “dons” que recebemos, guardando-os só para nós e deixando que eles fiquem estéreis; também não faz sentido usar os “dons” que recebemos de tal forma que eles se tornem fator de conflitos ou de divisões. Os “dons” que nos foram concedidos são postos ao serviço da comunidade? São fonte de encontro, de comunhão, de partilha, de Vida, para a comunidade de que fazemos parte?
- O Espírito Santo é uma presença imprescindível no caminho que a Igreja vai percorrendo todos os dias: é Ele que alimenta, que anima, que fortalece, que dá Vida ao Povo de Deus peregrino; é Ele que distribui os dons conforme as necessidades e que, com esses dons, continuamente recria a Igreja; é Ele que conduz a marcha, que indica os caminhos a percorrer, que ajuda a tomar as decisões que se impõem para que a “barca de Pedro” chegue a bom porto. Temos consciência da presença do Espírito, procuramos ouvir a sua voz e perceber as suas indicações?
- A comunidade cristã tem de ser o reflexo da comunidade trinitária, dessa comunidade de amor que une o Pai, o Filho e o Espírito. As nossas comunidades paroquiais, as nossas comunidades religiosas são espaços de comunhão e de fraternidade, onde o amor e a solidariedade dos diversos membros refletem o amor que une o Pai, o Filho e o Espírito?
- Como consideramos “os outros” – aqueles que têm “dons” diferentes ou, até, aqueles que se apresentam de forma discreta, sem se imporem, sem “darem nas vistas”? Eles são vistos como membros legítimos do mesmo corpo que é a comunidade, ou como cristãos de segunda, massa amorfa a que não damos muita importância? *in Dehonianos*.

EVANGELHO – João 2,1-11

Naquele tempo,

realizou-se um casamento em Caná da Galileia

e estava lá a Mãe de Jesus.

Jesus e os seus discípulos

foram também convidados para o casamento.

A certa altura faltou o vinho.

Então a Mãe de Jesus disse-Lhe:

«Não têm vinho».

Jesus respondeu-Lhe:

«Mulher, que temos nós com isso?

Ainda não chegou a minha hora».

Sua Mãe disse aos serventes:

«Fazei tudo o que Ele vos disser».

Havia ali seis talhas de pedra,

destinadas à purificação dos judeus,

levando cada uma de duas a três medidas.

Disse-lhes Jesus:

«Enchei essas talhas de água».

Eles encheram-nas até acima.

Depois disse-lhes:

«Tirai agora e levai ao chefe de mesa».

E eles levaram.

Quando o chefe de mesa provou a água transformada em vinho,

– ele não sabia de onde viera,

pois só os serventes, que tinham tirado a água, sabiam –

chamou o noivo e disse-lhe:

«Toda a gente serve primeiro o vinho bom

e, depois de os convidados terem bebido bem,

serve o inferior.

Mas tu guardaste o vinho bom até agora».

**Foi assim que, em Caná da Galileia,
Jesus deu início aos seus milagres.
Manifestou a sua glória
e os discípulos acreditaram n'Ele.**

CONTEXTO

Depois de nos apresentar Jesus (cf. Jo 1,1-51), João convida-nos a testemunhar o início da sua missão no meio dos homens. Leva-nos até Caná da Galileia, uma pequena aldeia agrícola identificada com a atual Kefar Kanna, situada a alguns quilómetros a nordeste de Nazaré. Era a terra natal do apóstolo Natanael (cf. Jo 21,2). João diz-nos que foi em Caná, no decurso de uma festa de casamento, que Jesus “deu início aos seus sinais” (“semeiôn” – Jo 2,11). A palavra utilizada designa, no Evangelho de João, certas ações realizadas por Jesus que, sendo visíveis para aqueles que as contemplam, apontam para outras realidades, para verdades que ultrapassam o simples gesto realizado. O “sinal” convida aqueles que o testemunham a deduzir algo sobre Jesus e sobre a missão que Ele, por mandato do Pai, veio concretizar no meio dos homens.

O “sinal” que somos convidados a testemunhar acontece num cenário de uma festa de casamento. Não se diz quem são os noivos, nem qual a ligação que eles têm a Jesus. Na reflexão profética, o “casamento” aparece frequentemente como metáfora da relação de amor entre Deus e Israel. Aliás, a primeira leitura deste segundo domingo do tempo comum dá-nos bem conta disso. Devemos, portanto, situar e interpretar o “sinal” que Jesus vai realizar no contexto do “casamento” (na história de “aliança” e de comunhão) que Deus tem vindo a construir com o seu Povo.

Para João, o gesto realizado por Jesus em Caná da Galileia João foi o “início” dos seus “sinais”. Sendo o primeiro dos “sinais”, ele funciona como protótipo e pauta para a interpretação de outros gestos que se seguirão. Este primeiro “sinal” define o “programa” de Jesus e oferece-nos a chave para interpretar tudo aquilo que Jesus vai fazer daí para a frente. *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- Qual é o lugar de Deus na vida e na história dos homens e mulheres do século XXI? Há já bastantes anos um filósofo decretou que “Deus está morto”; outros pensadores defenderam, depois disso, que os seres humanos devem assumir a sua história e a sua liberdade sem se sentirem tutelados e minorizados por uma entidade suprema; todos os dias muitos homens e mulheres que se cruzam connosco no caminho constroem as suas vidas numa completa indiferença face a Deus; a cada passo vão aparecendo valores que tomam conta da nossa vida e que ocupam o lugar de Deus... A indiferença face a Deus tornar-nos-á mais felizes e mais livres? A nossa autossuficiência será algo de que devemos orgulhar-nos? O evangelho deste domingo apresenta-nos Jesus como aquele que veio revitalizar a relação de amor e comunhão entre Deus e os homens. Dispomo-nos a escutar Jesus e a descobrir, guiados por Ele, o amor que Deus nos tem? Temos vontade de embarcar, ao lado de Jesus, nessa história de amor e de comunhão que Deus se propõe viver connosco?
- No episódio das bodas de Caná, o evangelista João desafia-nos a repensar a nossa forma de responder ao Deus da comunhão e da “aliança”. De acordo com João, se o nosso envolvimento com Deus assentar no mero cumprimento de leis, de rituais externos, de orações de circunstância, de liturgias pomposas e vazias, rapidamente deixará de fazer sentido. Nesse caso, a nossa relação com Deus tornar-se-á uma relação insípida, a que falta o “vinho” da alegria e do amor; poderá mesmo chegar a ser um fardo insuportável, que mais cedo ou mais tarde nos fará desistir de Deus. Para respondermos adequadamente ao desafio de viver em comunhão com Deus, temos de escutar Jesus e de “fazer o que Ele nos disser”. Temos de aprender com Ele a escutar Deus, a acolher os projetos de Deus para nós e para o mundo, a amar até ao dom total de nós mesmos. Como é que vivemos a nossa relação com Deus? Limitamo-nos a uma vivência religiosa triste e aborrecida, feita de gestos externos e do cumprimento de regras mais ou menos irrelevantes, ou somos capazes de acolher o “vinho bom” que Jesus nos oferece? Somos capazes de acolher as propostas de Jesus e de aprender com Jesus a amar a Deus e aos nossos irmãos?
- O “chefe de mesa” da história das bodas de Caná é figura dos líderes religiosos judaicos. Eles presidem aos destinos do Povo de Deus, mas os seus horizontes são bastante limitados. Instalados nas suas certezas e seguranças, acomodados aos seus privilégios de classe, estão satisfeitos com aquele sistema religioso vazio e hipócrita, que não liberta nem proporciona ao Povo de Deus uma existência livre e feliz. Quando a novidade de Deus lhes aparece à frente, eles não manifestam entusiasmo ou vontade de a acolher. A triste figura do “chefe de mesa” naquele casamento em Caná da Galileia constitui um aviso para todos aqueles que colocam os seus interesses e privilégios acima

do bem dos seus irmãos; constitui também um alerta para os vivem instalados numa fé morna, requentada, pouco exigente, rotineira, “velha”, que não tem lugar para as interpelações e desafios que Deus continuamente nos lança. O “chefe de mesa” que aparece no relato das bodas de Caná tem alguma coisa a ver com a forma como nós vivemos a religião?

- Os “serventes” fazem o que Jesus lhes diz e colaboram com Ele de forma a fazer chegar à mesa do banquete o “vinho novo” que Jesus tem para oferecer. Correspondem aos discípulos, aqueles que Jesus chama para O seguirem e para colaborarem com Ele na construção do Reino de Deus. Nós, discípulos de Jesus, estamos disponíveis para colaborar com Ele no sentido de “colocar na agenda” do mundo e da história a proposta de Jesus veio trazer? O que podemos fazer para que o “vinho novo e bom” de Jesus chegue à mesa da humanidade?
- Todos os dias nos deparamos com um sem número de homens e mulheres que vivem tristes e amargurados, condenados pela sociedade, julgados pelos seus irmãos, votados à indiferença e ao abandono, feridos na sua dignidade, roubados nos seus direitos, que anseiam por libertação e esperança. Quando essas pessoas aparecem nas nossas comunidades cristãs à procura de ajuda e compreensão, são acolhidas? Oferecemos-lhe o “vinho novo” de Jesus, ou as leis velhas de uma religião que condena, que ameaça, que aumenta o sofrimento e a amargura? Falamos-lhes da ternura de Deus, ou de um deus sem misericórdia, incapaz de compreender o sofrimento dos seus filhos e filhas? *in Dehonianos*

Para os leitores:

A proclamação da **primeira leitura** deve ser marcada pelo tom alegre e cheio de esperança que atravessa toda a leitura. Deve ter-se especial atenção na proclamação das palavras: «*Abandonada*», «*Deserta*», «*Predileta*» e «*Desposada*».

A proclamação da **segunda leitura** pede um especial cuidado. No início, pelas frequentes repetições que sublinham a mensagem da unidade na diversidade que S. Paulo quer transmitir aos Coríntios. Depois, pela enumeração dos dons concedidos que deve ser bem articulada para uma correta leitura e uma boa compreensão da mensagem.

I Leitura: (ver anexo)

II Leitura: (ver anexo)